

O espaço Biblioteca Escolar em discurso: diálogos e desdobramentos

Fernanda Correa Silveira Galli

Doutorado em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

E-mail: fcs galli@hotmail.com

CASTRO FILHO, C. M.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2011. 184 p.

É como se nos deixassem numa ilha deserta e tivéssemos que fazer as nossas próprias descobertas, abrir caminhos, procurar fontes.
(José Saramago, 2010, p.186)

Apresentar reflexões que colocam o espaço biblioteca escolar em discurso é o objetivo da obra *Dizeres sobre a biblioteca escolar – palavras em movimento*, organizada pelos professores Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho e LD. Lucília Maria Sousa Romão, do curso de Ciência da Informação e da Documentação da FFCLRP/USP. Direcionada aos interessados em pensar sobre o funcionamento das bibliotecas escolares, *Dizeres...* reúne artigos de professores e pesquisadores que têm se dedicado aos estudos acerca da temática, proporcionando ao leitor não apenas conhecer a história das bibliotecas escolares e o ofício do bibliotecário, mas sobretudo refletir sobre as suas condições no atual contexto das tecnologias de informação e comunicação.

No artigo de abertura, intitulado *Práticas de letramento informacional em bibliotecas escolares brasileiras: colaboração do bibliotecário com os professores*, Bernadete Campello centra suas reflexões na função do bibliotecário de escolas brasileiras, e busca compreender o desenvolvimento de suas práticas educativas. Com foco nas atividades de letramento informacional, de responsabilidade coletiva – professores, coordenadores, assessores, orientadores e bibliotecários – nas escolas, a autora investiga como se dá a interação do bibliotecário com seus pares, em especial com o professor, relação fortemente abordada e valorizada na literatura brasileira sobre biblioteca escolar, inclusive no Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO. Campello destaca que, nos discursos circulantes, há uma “crença de que a colaboração pode ser a fórmula que possibilitará a biblioteca atingir seu papel transformador.” (p.12). Entretanto, muitos estudiosos reconhecem que essa colaboração não funciona na prática. Ao acompanhar as ações colaborativas de bibliotecários de escolas

públicas e privadas, por meio da análise qualitativa dos dados formados por relatos de experiências, entrevistas semi-estruturadas e transcrição das falas de um grupo de discussão, a autora anuncia a particularidade de sua pesquisa no que diz respeito aos resultados: os bibliotecários participantes, além de reconhecerem a importância do trabalho em conjunto, participaram de reuniões pedagógicas e buscaram a participação de professores e coordenadores.

Em *Bibliotecas: leituras, leitores, bibliotecários: abordagem à teoria da ação comunicacional de Adriano Rodrigues*, Iara Neves apresenta uma discussão sobre a informação como matéria-prima para ações comunicacionais da/na Biblioteca Escolar. Neves destaca que tais ações visam o dentro e o fora da escola, de modo que considerar as questões educacionais e culturais implica em “designar todo e qualquer ato, notícia, dado ou fato que executado ou registrado sob qualquer suporte físico, do papel ao meio magnético, constitua-se em fonte de consulta ou manipulação, por parte dos usuários...” (p.34). Sob essa perspectiva, a biblioteca escolar pode atuar como um espaço de disseminação da informação (produto), espaço esse em que a leitura deve ser considerada uma “atividade primordial” da/na ação comunicacional (processo), incentivando o acesso tanto à comunidade escolar quanto à comunidade social.

A questão dos sentidos é o ponto de partida de Magda Chagas, no artigo *Outros sentidos sobre leituras e leitores na biblioteca escolar*. Ao centrar sua reflexão nas inovações trazidas pelas chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a autora pontua que vivemos, hoje, a/na sociedade da informação e, dadas as muitas “tecnologias de armazenamento e transmissão de dados” disponíveis, “o acesso à leitura e à informação apresenta-se como elemento essencial para o avanço do conhecimento” (p.45). É a partir da leitura, incentivada dentro da escola e cultivada fora dela, que o sujeito pode descobrir e re-elaborar as informações, processo que tende a ampliar horizontes e proporcionar a formação de diferentes valores. Chagas destaca, entretanto, que embora o acesso à informação tão prometido pela sociedade atual seja um direito fundamental – “uma vez que sem ele é impossível se ter acesso aos outros direitos” (p.47) –, isso não está ao alcance de todos, por questões diversas como a econômica e a social, por exemplo. A biblioteca escolar, de acordo com Chagas, é o espaço que pode suprir a escassez de acesso aos recursos informacionais pelas classes mais desfavorecidas, por meio de “atividades de incentivo à leitura” (p.52).

Eliane Garcez, em seu texto *A pesquisa escolar a partir dos discursos de um grupo de bibliotecários atuantes em bibliotecas escolares em Santa Catarina*, traz uma abordagem sobre a participação da biblioteca e do bibliotecário nas pesquisas escolares, buscando “identificar, do ponto de vista do bibliotecário, como se estabelecem as relações interativas entre ele, o professor e o aluno para o uso da informação existente na BE, no processo de construção da pesquisa escolar.” (p.60). Ancorada na teoria processualista de Elias, na teoria da construção social de Berger e Luckmann, bem como na teoria da representação social de Moscovici, a autora procura refletir sobre os discursos do profissional bibliotecário, a partir dos quais percebe que a biblioteca é vista como: i) um espaço de prestação de serviços e/ou ii) um local ou depósito de informações. Além disso, Garcez pontua que a pesquisa parte sempre da sala de aula, com o professor, de modo que a resistência do aluno às intervenções do bibliotecário pode estar associada a isso, ou seja, a pouca interação entre professor e bibliotecário ou, ainda, a não valorização da pesquisa escolar com a orientação do bibliotecário contribui para que a biblioteca continue exercendo “uma função passiva e armazenadora de conhecimento” (p.75).

No âmbito dos estudos culturais, Ivete Pieruccini e Edmir Perrotti, no capítulo *A biblioteca escolar como Estação Memória*, centram suas discussões na questão da biblioteca como lugar de memória, enfatizando a importância da articulação entre memória universal e memória local para a emergência de novos significados. Com base nesse dispositivo cultural – *estação memória* – cunhado por Perrotti, e nos referenciais teóricos de Le Goff e Benjamin, os autores discutem a problemática da biblioteca escolar e propõe uma atuação do cientista da informação a partir do diálogo entre os recursos informacionais tradicionais e a incorporação das memórias da biblioteca, no que diz respeito ao vivido pela comunidade em que esse espaço se insere. Essa experiência pode constituir-se, segundo os autores, “em instrumento de construção e reelaboração da malha simbólica que arquiteta as relações socioculturais e os sujeitos históricos, tornando-se patrimônio comum, objeto e direito de todos.” (p.84). A participação coletiva e individual do grupo comunitário possibilita não só a inclusão das memórias locais, mas também um deslocamento no conceito de biblioteca escolar, dada a “dimensão de *Estação Memória*, metáfora que quer significar o acolhimento de ‘seus passageiros’, permitindo novas visões de mundo por meio dos deslocamentos...” (p.94).

Na abordagem sobre a natureza da biblioteca escolar bem como do bibliotecário, Cláudio Marcondes Castro Filho e Juliana Pacagnella, em *Biblioteca escolar pública, bibliotecário e ...*, revisitam o Manifesto UNESCO e alguns teóricos sobre o assunto para

refletir sobre o papel desempenhado pela biblioteca escolar pública e o trabalho realizado pelo profissional bibliotecário. Para os autores, esse espaço só poderá oferecer aos alunos o essencial se adotar uma “metodologia colaborativa” (cf. PIERUCCINI, 2008), cujo propósito é promover a pesquisa a partir do envolvimento entre “a biblioteca escolar e o profissional da informação, a sala de aula, o professor e demais dispositivos culturais presenciais e/ou virtuais.” (p.101). Castro Filho e Pacagnella ressaltam, ainda, que, diante das novas tecnologias de informação e comunicação, é preciso atenção especial para o fato de que o meio tecnológico só será, de fato, educativo se estiver atrelado a uma prática educativa.

O conceito de biblioteca escolar e o perfil do bibliotecário são contemplados, também, no capítulo intitulado *Atuação profissional na biblioteca escolar: outras perspectivas*, de Ludmila Ferrarezi e Cláudio Marcondes Castro Filho. Numa discussão de cunho teórico, os autores buscam abordar a expectativa em relação ao bibliotecário escolar no século XXI e às questões que envolvem as práticas educativas da biblioteca. Trazendo à baila dois modelos – o *Centro de Recursos para Aprendizagem (CRA)* e a *Estação Memória* – considerados, na literatura científica, como um almejado perfil de biblioteca escolar, Ferrarezi e Castro Filho afirmam, apoiados em Fuentes Romero (2006), que “essas novas denominações de biblioteca referem-se à biblioteca escolar de sempre, mas adaptada aos novos tempos (...), formada por uma variedade de recursos movimentados por atividades educativas, lúdicas e de leitura (...)” (p.114), as quais podem inaugurar um novo funcionamento do espaço. Sob essa ótica, pode emergir uma nova perspectiva de trabalho para o bibliotecário, mais aberta e mais dinâmica, proporcionando o desenvolvimento de atividades dentro e fora da biblioteca escolar.

Uma abordagem sobre a temática do incentivo à leitura em bibliotecas escolares americanas é oferecida por André Vidal e Cláudio Marcondes Castro Filho, no texto *Um estudo das novas tendências nos Estados Unidos sobre as práticas de incentivo a leitura em biblioteca escolar*. Partindo da ideia de que prática da leitura é um processo de aprendizagem que prepara o sujeito para a vida escolar e sociocultural, os autores apresentam tipos de atividades de incentivo à leitura, encontradas na literatura americana, dentre elas: i) a *leitura em voz alta e hora do conto*, que visa proporcionar à criança a aprendizagem sobre o funcionamento das narrativas e as diferenças entre os discursos; ii) a *leitura seguida de discussão em grupo*, que busca permitir aos adolescentes e jovens a integração social, por meio da formação dos ‘clubes de livros’ que podem funcionar, inclusive, de modo virtual; iii) a *escrita realizada por estudantes: resenhas e histórias*, cujo objetivo é levar os jovens à criação por prazer e ampliar o engajamento em atividades literárias; iv) os *concursos e jogos*

envolvendo a leitura, que intenta o incentivo por competição e premiação; v) a *leitura livre como prática de incentivo à leitura*, cujo intuito é incentivar a leitura livre voluntária de qualquer gênero literário. Vidal e Castro Filho lembram, ainda, que a partir desses exemplos, outros tipos de atividades – tradicionais e não tradicionais – podem ser desenvolvidos nas bibliotecas escolares, pelo profissional bibliotecário.

Ancoradas na perspectiva teórica da análise do discurso pecheuxtiana, as autoras Francis Lampoglia, Thaís Harumi, Vivian Lemes e Lucília Romão, no capítulo *A voz e a vez dos bibliotecários: a memória e o silêncio nos dizeres dos quadrinhos*, tratam a respeito das representações acerca do que é um bibliotecário. Para tanto, as autoras tomam como *corpus* de análise quatro tiras em quadrinhos – duas publicadas no jornal impresso Folha de S. Paulo e duas coletadas em weblogs – e marcam, a partir de seus olhares sobre o funcionamento discursivo das tiras, a reatualização de sentidos construídos socialmente sobre o profissional bibliotecário, tanto no que se refere às atitudes e atividades desenvolvidas quanto à descrição física. Nessa direção, os estereótipos presentes no *corpus* indiciam o retorno, pela memória discursiva, de sentidos estabilizados não apenas sobre o bibliotecário, “um detentor do ‘poder’ dentro da biblioteca, que está sempre repetindo inesgotavelmente o ‘silêncio’”, mas também sobre a constituição da biblioteca, “o lugar tido como ‘sagrado’” (p.149).

Em *Discursos sobre leitura e biblioteca escolar*, de Sandra Dias e Lucília Romão, temos um estudo realizado também sob as bases da teoria discursiva pecheuxtiana. A partir do *corpus* formado por recortes de entrevistas realizadas com bibliotecárias de duas escolas de Ribeirão Preto, as autoras destacam que, embora haja “frequentemente uma memória discursiva em circulação que associa a biblioteca como local de formalidades e regras, predominando o silêncio.” (p.159), o material por elas analisado aponta o contrário. Nas entrevistas, Dias e Romão observam que as bibliotecas das duas escolas desenvolvem atividades de leitura com seus alunos e que as bibliotecárias têm o papel de mediadoras, o que é raro e vem romper com os sentidos cristalizados tanto acerca da biblioteca escolar quanto sobre o bibliotecário. A leitura, nessa perspectiva, abre possibilidades: “assume, portanto, o sentido de criação, permitindo a manifestação de várias posições discursivas do sujeito leitor.” (p.161).

Por fim, o último capítulo, *Sentidos sobre o bibliotecário: vozes em rede*, de Iara Vieira e Lucília Romão, fecha a obra com reflexões sobre os discursos que circulam na internet sobre o sujeito-bibliotecário, com foco nos estereótipos acerca da imagem. Com base,

também, na perspectiva da análise do discurso francesa pecheuxtiana, as autoras buscam refletir sobre as relações de sentidos inscritas por sujeitos-bibliotecários em discursividades de alguns blogs, pautadas na hipótese de que, além de haver um imaginário construído acerca desse profissional como “um sujeito silenciador, rígido e antiquado” (p.172), tal imaginário é reforçado pela repetição constante das representações encontradas em espaços como o multimidiático e o eletrônico. Vieira e Romão destacam que, com essa investigação, “é possível inferir que o blog é lugar de resistências, negação e tentativa de trazer à tona uma representação outra para o sujeito bibliotecário”, colocando “em movimento efeitos de desmistificação da figura cristalizada do profissional” (p.180).

Para muito além dos limites das perspectivas teóricas adotadas nos artigos que compõem a presente obra, as noções de biblioteca escolar e de bibliotecário são tratadas num viés histórico e numa relação com as práticas tradicionais e não tradicionais do/no contexto (não só) escolar. De maneira geral, os autores apresentam questões essenciais para a compreensão acerca do espaço biblioteca, proporcionando ao leitor – leigo ou não – uma aproximação dos conceitos e das investigações realizadas sobre a temática, oferecendo um material vasto que se constitui como relevante para docentes e, sobretudo, para iniciantes na área das ciências da informação e afins. Nesse sentido, o grande mérito da obra *Dizeres...*, de meu ponto de vista, está na natureza plural das abordagens, as quais colocam em movimento singulares dizeres e instigantes desdobramentos que discursivizam as possibilidades de outras descobertas. “Fazer nossas próprias descobertas, abrir caminhos, procurar fontes” (SARAMAGO, 2010, p.186) pode ser ainda mais sedutor no espaço biblioteca do que na ilha deserta.

Referências

CASTRO FILHO, C. M.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2011. 184 p.

SARAMAGO, J. **As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas** / Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.